

C.P.

BOLETIM

Problemas recreativos

CORRESPONDÊNCIA

O 1.º prémio da lotaria de 29 de Agosto último coube ao n.º 1460 que, pelo *Boletim da C. P.* n.º 86 tinha sido atribuído ao colaborador *Dalton*.

As nossas felicitações ao distinto colaborador.

No trimestre Outubro-Dezembro a obra a disputar será o *Atlas Escolar Português* de João Soares.

QUADRO DE DISTINÇÃO

Roldão, 15 votos — Produção n.º 16

QUADRO DE HONRA

Mejstófeles, *Britabrantes*, *Labina*, e *Alenitnes*

QUADRO DE MÉRITO

Fan-Fan, *Sancho Panga*, *Júpiter*, *Athos*, *D. Quichote* e *Theseu* (17), *Bastos Alcion*, *Fé*, *Dalton*, *Augusto*, *Sardanápalo*, *Roldão*, *Veste-se*, *Otrebla*, *Fred-Rico*, *Novata*, *Cruz Kanhoto* (16), *Marquês de Cirinhas*, *Visconde de la Morlière*, *Visconde de Cambolh*, *Manelik*, *Preste João*, e *Diabo Vermelho* (15).

Soluções do n.º 86

1 — Acôrdo-acórdão, 2 — Coda-codão, 3 — Azul-azulão, 4 — Embeaxió, 5 — Láparo, 6 — Perau, eneo, rei, ao, u, 7 — Remordido, 8 — O bom homem goza o fruto, 9 — Abôno, 10 — Maxama, 11 — Loura, 12 — Faniqueira, 13 — Libar-rabil, 14 — Animal-lâmina, 15 — Rolo-olor, 16 — Amargurado, 17 — Pitura-pira, 18 — Pacigo-pago.

Aumentativas

1 — O pêlo enrespado do pano foi cortado do cavalo corpulento — 2.

Roldão

2 — Vi a ave galinácea ir de corrida — 2.

Roldão

3 — Exagera o preço dêsse coração — 2.

Vasconcelos

4 — Na parte interior do pescoço está a força d'aquêle comilão voraz — 3.

Theseu

5 — Em quadrado

Crinas
Aroma
Motejo
Superfície

Vasconcelos

6 — Em triângulo

Menos
Voz imitativa
Abutre
Ala de exército
Consoante

Labina

7 — Em verso

Quando às vezes me dizes com ternura: — 1
«Serei só tua, amor, eternamente»...
Escuto com prazer e atentamente
Essas cinco palavras — frase pura!

Nesse gesto gracioso e sorridente. — 2
Encerras tanto amor, tanta doçura...
Quando às vezes me dizes com ternura:
«Serei só tua, amor, eternamente»...

É belo assim viver, sem que se oponha
Alguém, à linda aurora tão risonha
Que nos espera e que nos encaminha...

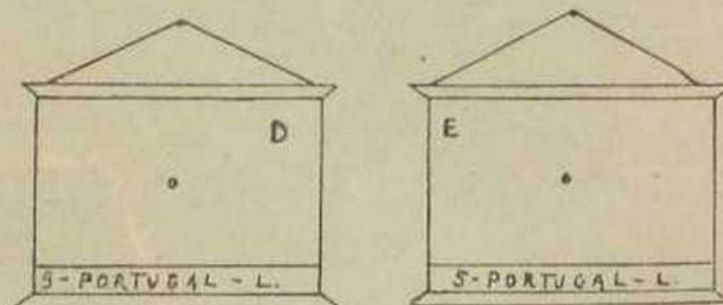
Ao ver que o nosso amor é tão profundo:
Ao Mar, à Terra, ao Ceu... e a todo o mundo,
Posso afirmar que um dia has-de ser minha!

Roldão

8 — Enigma tipográfico

O 8 Letras
Sardanápalo

9 — Enigma figurado



FILHO DE EGEO
4 L.

Sardanápalo

(Continua na outra página interior da capa)

BOLETIM DA C.P.



ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPANHIA

PUBLICADO PELA DIRECÇÃO GERAL

SUMÁRIO: Novo armazém de víveres do Barreiro. — Conferências de higiene social. — Notas de Arte. — Consultas e Documentos. — Como se tem desenvolvido a rede ferroviária mundial. — Novas carruagens-restaurantes nos caminhos de ferro da Irlanda do Norte. — O reinado do aerodinamismo. — Excursão do Grupo Instrutivo Ferroviário de Campolide. — Pessoal.

Novo armazém de víveres do Barreiro

Pelo Snr. Architecto *Cottinelli Telmo*, da Divisão de Via e Obras

O armazém de víveres existente no Barreiro não satisfazia o fim para que tinha sido criado, por várias razões das quais destacamos:

1.º — Insuficiência de dimensões, dado o movimento actual de vendas ao Público, que aumentou, sobretudo com a instalação das novas oficinas.

2.º — Distância a que ficava dos núcleos ferroviários e conseqüentes dificuldades de acesso.

3.º — Impossibilidade de ser exclusivamente abastecido pela linha férrea o que levava a Companhia a ter de utilizar meios de transporte particulares, com evidente prejuízo da economia.

4.º — Más condições higiénicas, de comodidade para o pessoal e Público, etc., etc.

O actual armazém fica ao pé da linha férrea e, assim, a descarga dos vagões faz-se directamente para os depósitos, o que se traduz não só em redução das despesas atrás referidas, mas

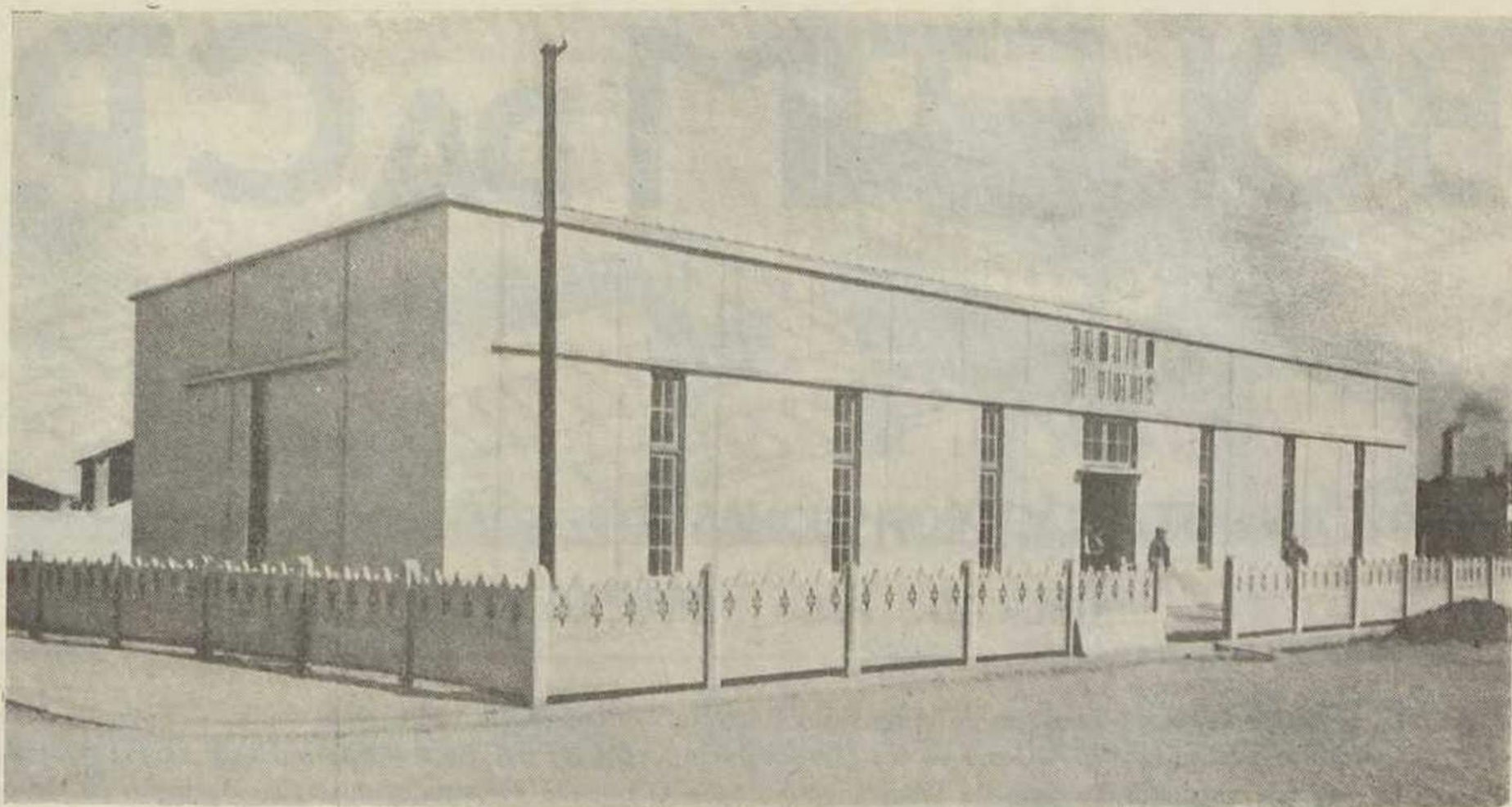
também por dispensa de entendimentos com entidades estranhas à C. P., o que é manifestamente prejudicial para o bom curso dos serviços.

A hipótese de ampliação e remodelação do antigo armazém foi posta de parte: os resultados seriam despesa maior e construção defeituosa, cheia de transigências e imprópria da estação importante que serve.

O novo armazém compõe-se de quatro partes:

a) Sala de vendas ao Público; b) contra-loja com tulhas para cereais, prateleiras para arrumação de artigos de maiores dimensões, etc.; c) carvão e petróleo; d) vinhos e azeites.

A sala de vendas e a contra-loja são separadas pela própria armação. Como esta fica distante do tecto — disposição que se adoptou igualmente para as restantes divisórias da parte central do armazém — o ar circula livremente, tanto mais que ficam em correspondência as janelas das fachadas principal e posterior.



Vista exterior do armazém de víveres do Barreiro

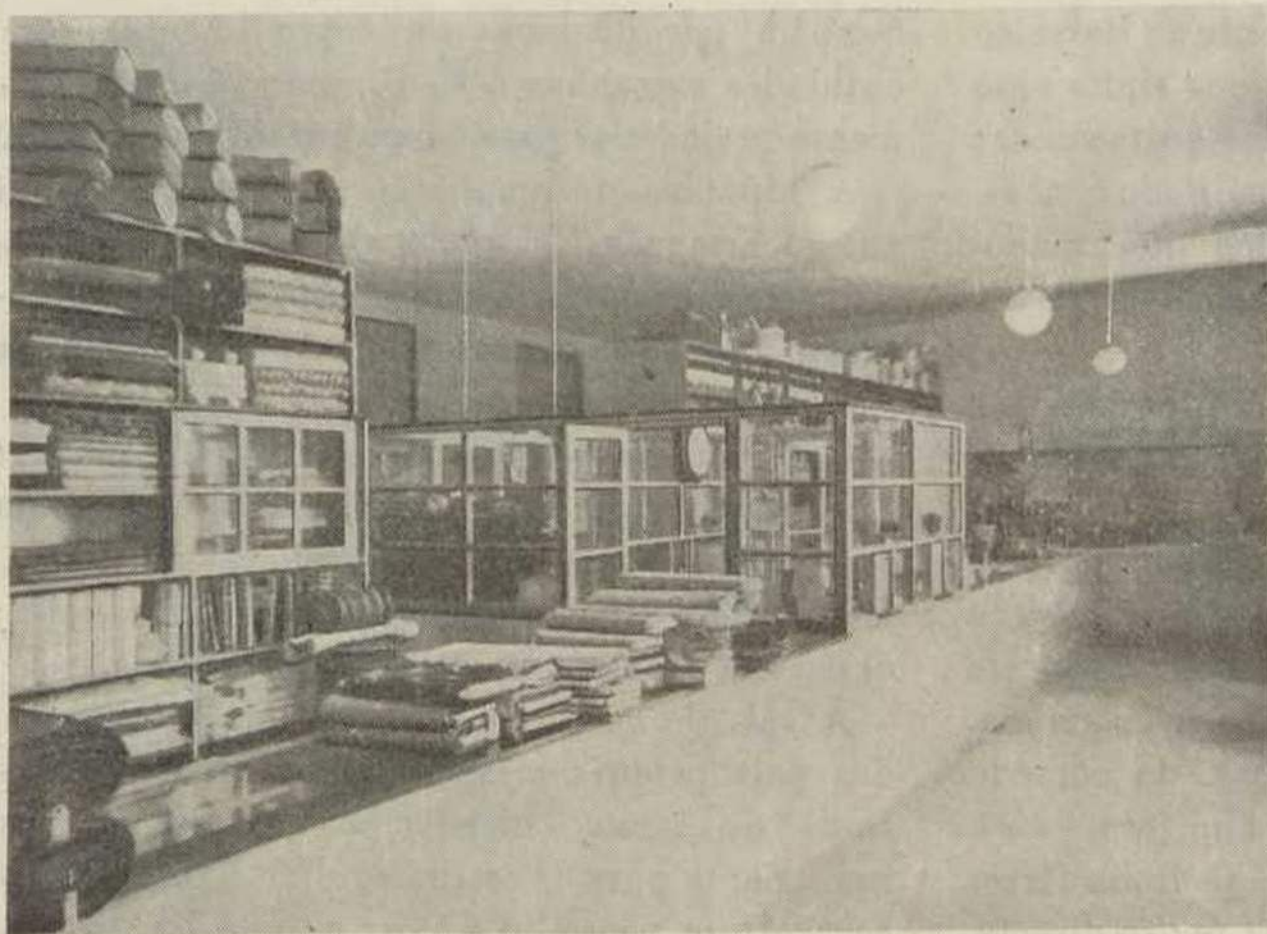
Um gabinete envidraçado central separa o balcão corrido em duas partes: na da direita, para quem entra, vendem-se géneros de mercearia, na da esquerda, fazendas e calçado. O referido envidraçado serve de escritório e gabinete do fiscal. Ao canto da parte «fazendas

e calçado» existe outro compartimento para prova de calçado.

Na contra-loja, que dá sobre a linha férrea e de cujo destino demos já uma idêa, faz-se a recepção dos diferentes géneros e armazenam-se caixotes, sacaria, etc.

À esquerda, num espaço ocupado por prateleiras, guardam-se as caixas de calçado. Ainda na contra-loja e na extensão correspondente à sala de vendas ao Público, encontram-se um vestiário e um lavabo para o pessoal.

No tampo esquerdo do edifício está o depósito de carvão e petróleo que comunica, apenas por uma porta de ferro, com a sala de vendas ao Público e recebe aqueles artigos por outra porta aberta na fachada posterior e em contacto com a linha férrea. O mesmo se dá com a secção do tampo direito, destinada a vinhos, azeite, etc.



Vista de conjunto da sala de vendas ao Público. À direita, a secção de mercearia, vinhos e azeite. À esquerda, a secção de fazendas e calçado.

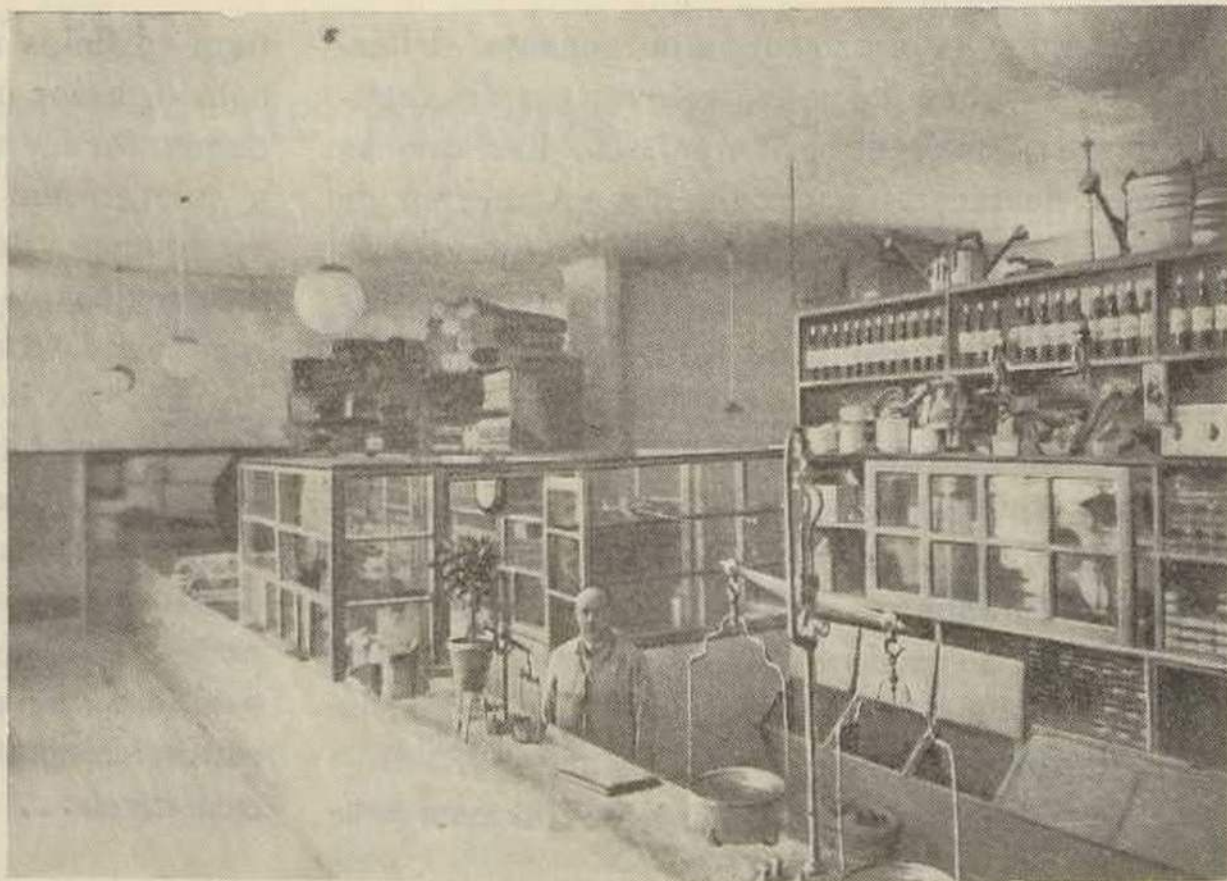
Tulhas, prateleiras e suportes para vasilhas fôram estudados de modo a obter arrumação e posição relativa adequadas às necessidades do serviço, e aos movimentos dos empregados.

As tulhas da armação da sala de vendas, por exemplo, podem ser carregadas directamente da contra-loja e retirado o seu conteúdo do lado do Público.

A sala de vendas foi a que mais cuidados mereceu no sentido do seu aspecto. Houve a preocupação de tirar ao conjunto o ar de velha «tenda» de côres sujas, ou «fingidos», de armações complicadas, cheias de molduras, etc.

A côr desempenha um papel importante nêstes estabelecimentos: deve ser alegre e estabelecer contraste vivo com a dos artigos e gêneros.

As paredes e o próprio balcão são forrados de azulejo, de côr azul acinzentada, êste último na face voltada ao Público.



Separando as duas secções, um gabinete envidraçado serve de escritório do fiscal

Conservam-se assim limpos e lavam-se facilmente. A frente do balcão, geralmente de madeira, não se esmurra nem enseba.

O chão está revestido com bom mosaico cerâmico, de côr a que chamam «sinapismo», ligado às paredes por peças côncavas.

A armação e tôdas as madeiras têm a mesma

côr do azulejo. O tampo do balcão na parte «fazendas» é de macacaúba e na «mercearia» de mármore branco, pranchado de azul e mosqueado de cinzento e negro.

A iluminação da sala faz-se por meio de globos de vidro opalino, com armadura cromada. Tectos estucados, sem nenhuma moldura.

Exteriormente, o actual armazém é duma grande simplicidade de linhas, como convém a um edifício principalmente *utilitário*. Esta simplicidade



Interior da sala de vendas mostrando a disposição das tulhas e prateleiras

dade traduz-se em economia sensata. Pilas-tras largas, mas de pouco relêvo, cortam regularmente a fachada principal. No liso que as encima destacam-se os dizeres «Armazém de Víveres» de letras de barra de ferro que, sendo simples, se enriquecem com as próprias sombras projectadas, substituindo com vantagem as velhas tabuletas ou horrendas chapas esmaltadas.

Ao centro larga porta envidraçada de acesso e, para ventilação e iluminação, a fachada é rasgada por frestas envidraçadas que permitem que o sol banhe de alto a baixo o interior, sem excessos e de modo a deixar parede livre para a possível colocação futura de pequenos armários envidraçados para exposição de artigos.

É para desejar que os agentes a quem se con-

fiam edificios novos, projectados e construídos com o maior cuidado, tenham sempre o brio de os manter no maior asseio e arrumação, fugindo a misturarem géneros heterogéneos ou cuja vizinhança desagrade a vista, a atulharem desgraciosamente as prateleiras, a aproveitarem-se de todos os recantos para arrecadação de caixotes desmantelados e sacaria suja, mal ordenados, a fazerem das instalações sanitárias ninhos de lixo que são uma contradição do título das mesmas, etc., etc.

Se a indiferença por estes bons preceitos pode não ser grave em loja de ferragens ou estância de madeiras é-o com certeza num estabelecimento onde se vendem principalmente *comestíveis*...



Um trecho do Rio Nabão

Conferências de higiene social

PERIGOS E CONSEQÜÊNCIAS DO ALCOOLISMO

Conferência realizada pelo Snr. Dr. *Alexandre Cancellia d'Abreu*, médico efectivo da assistência domiciliária

(Continuação)

Isto desejariam dizer êsses críticos, aliás benévolo e, sorrindo sempre, intimamente porque são pessoas corteses, estão a lembrar-se de certo passo da Bíblia, e a pensar que nós seguimos a escola indulgente de dois dos seus personagens.

Muitos dos senhores recordam-se também. Não resisto no entanto à tentação de evocar aqui a narrativa de tão interessante simbolismo e que tão relacionada está com o meu tema. Com efeito, êle dá-nos ensejo para estudar, nem mais nem menos, do que o primeiro caso de embriaguez de que rezam as crônicas.

O episódio passou-se muitas centenas de anos antes de Cristo, naquele bom tempo em que os homens, como Mathusalém, viviam mais de 900 anos, e em que a convivência de muitas gerações mantinha sempre viva a tradição oral da história.

Noé, o único homem que permanecera justo no meio da corrupção geral, fôra escolhido por Deus para a sobrevivência da humanidade. Dentro da arca flutuante, onde se abrigara com a mulher, os 3 filhos, as noras, e os casais de animais de tôdas as espécies, escapou daquele tremendo dilúvio que manteve tôda a terra debaixo de água durante 150 dias, e de que nós receiámos o horror na última invernia esquecidos já da garantia bíblica de que tal cataclismo nunca mais se repetiria.

Noé, desembarcado já com os seus 600 anos, mas ainda robusto, começou a cultivar a terra e plantou uma vinha. Com os frutos colhidos, sempre segundo a história, fabricou o primeiro vinho. Não lhe conhecia a fôrça, tal e qual como ainda hoje sucede a muitos imprudentes e, um belo dia, deliciado, foi bebendo sem medida. Aconteceu-lhe o que também hoje con-

tinua sendo inevitável e acabou por adormecer descoberto no meio da sua tenda. O mais novo dos seus filhos, Cham, que o surpreendeu nesse desalinho em vez de providenciar, veio irreverente descrever o que se passava a seus irmãos Sem e Japhet. Êstes tomaram um manto e, caminhando de costas voltadas, com êle cobriram, sem a ver, a nudez de seu pai. Ao recuperar a lucidez, Noé, informado dêste comportamento, amaldiçoou Cham na sua descendência e premiou o respeito e o amor filial de Sem e de Japhet com a bênção para êles e para as suas gerações.

Como veem, com a sua tácita sugestão para que lhes relembresse êste episódio, não me fizeram sair da matéria, visto que o texto bíblico me permitiu apresentar-lhes desde já um caso de alcoolismo agudo com sintomas, conseqüências e atitudes que afinal se prova não terem variado com o decurso dos séculos.

E, porque é assim, os meus críticos silenciosos estavam a pensar que nós, os médicos, também de costas voltadas para o escândalo, lançamos nos boletins véu misericordioso sobre os que encontramos descompostos por pecado do alcool.

Mas, senhores, sejamos razoáveis nas aproximações! Não têm razão! Nem todos os ébrios são justos e aliados de Deus como Noé, para nos premiarem com a bênção! E, quem pode afirmar que, depois da torre de Babel, da dispersão dos povos, e depois dos milénios, das gerações e das coisas que passaram, chegou até nós qualquer parcela atávica do generoso impulso daqueles filhos exemplares?...

O confronto a que me forçaram não atinge o alvo — não deixa carapuça bem talhada para as nossas cabeças...

Admitamos contudo que aquela crítica tem uma pequena porção de verdade, que os médicos atenuam uma ou outra vez a parte carregada do diagnóstico de alcoolismo, e que, em suma, algumas baixas por essa causa andam nos registos escondidas sob outras designações. Até onde poderia ir essa dispersão? Supunhamos que se poderia multiplicar por 2 ou por 3 o número de baixas por alcoolismo... Ficaríamos ainda em percentagem mínima e reconfortante.

O que a todos posso seguramente garantir — permitam-me que varra assim a nossa testada — é que em nenhuma hipótese, com diagnóstico expresso ou não, os médicos deixam de tomar as providências necessárias para que definitivamente, ou até se obter a certeza da sua correção, sejam mantidos fora do serviço todos os alcoólicos que possam pôr em risco a segurança própria e alheia.

Examinei o problema em face dos registos médicos. Êstes levam a uma conclusão de perfeito optimismo.

Não podia, porém, esquecer-me dos casos de embriaguez eventual, das manifestações accidentais, agudas, de alcoolismo, em indivíduos mais ou menos notoriamente viciosos, que não estão ainda na posse da intoxicação crónica que os force a procurar os socorros médicos. Tornava-se necessário conhecer a opinião dos chefes a tal respeito e, por isso, a meu pedido, foi pelo Sr. Chefe do Serviço de Saúde feito um inquérito sob a forma de questionário.

Tenho presentes as informações recebidas em resposta. São quasi tôdas praticamente negativas. Algumas mencionam um número de casos que se deve considerar insignificante em confronto com o número total dos agentes e o período de muitos anos a que dizem respeito.

Entrevistei também numerosos agentes superiores sobre o assunto. As suas respostas são no mesmo sentido e todos afirmam que é notável o decrescimento do alcoolismo entre o pessoal nos últimos decénios.

Êste inquérito veio assim confirmar plenamente a nossa impressão favorável. Estou portanto bem documentado para demonstrar as afirmações do começo d'êste capítulo e posso

encerrá-lo com uma tranquilizadora resposta às tais pessoas apreensivas: «Não! Não há perigos nem conseqüências do alcoolismo na Companhia que ponham no menor risco a vossa segurança como passageiros.»

Muitos dos senhores poderiam agora dizer-me: «Se é assim, se ninguém aqui pensa em contestar êsse optimismo, que é afinal um atestado de bom comportamento que merecemos e nos desvanece, é desnecessário demorar-nos mais com a sua conversa que não se entende conosco. Excelente oportunidade para a fechar sob essa agradável impressão, recolher os seus papeis, e ir prègar a outra frèguesia!»

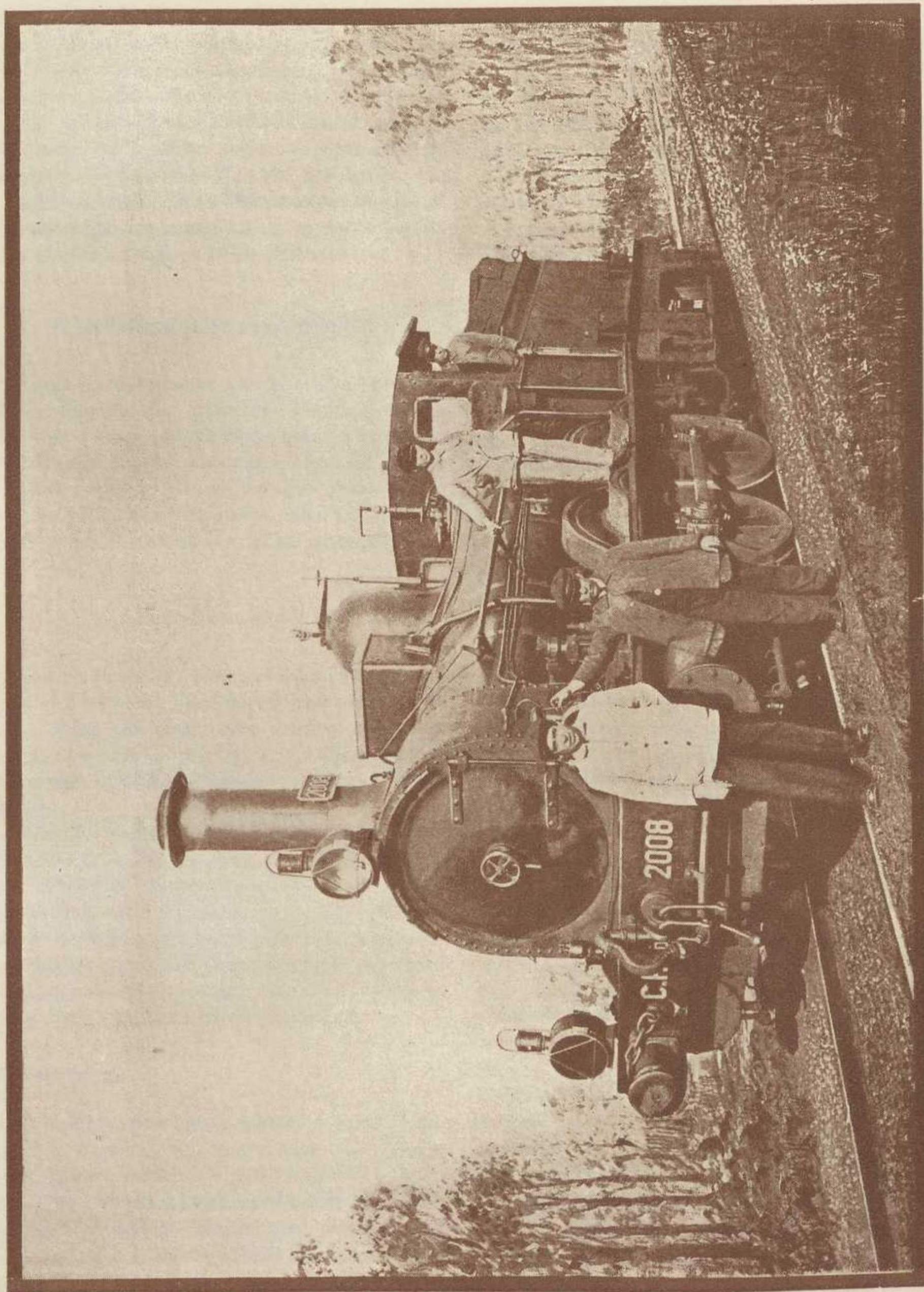
A observação, que não levo a mal, é de réplica fácil. E' que só a enorme maioria, mas, lamentavelmente, nem todos de entre vós podem falar assim. Há as excepções que denunciei e é preciso que elas acabem. Já o disse por outras palavras: — um ferroviário não tem o direito de ser um alcoólico sob pèna de merecer o labéu de criminoso!

Acresce que nunca se deve perder uma ocasião para lançar a boa semente das campanhas em defeza da Higiene. E o terreno, quando é constituído pelos ferroviários, é dos mais aproveitáveis por razões de duas ordens.

Uma deriva da vossa categoria e influência no meio proletário. A outra refere-se mais especialmente ao pessoal que constantemente se desloca. Êstes agentes, bem informados e orientados, podem e devem levar a todos os cantos do país a boa propaganda da sua palavra e do seu exemplo.

O alcoolismo é um mal evitável a que não se está, como nos outros, de que os meus colegas têm que se ocupar perante vós, tão sujeito aos acasos de contágios imprevistos. Aqui o contágio é o dos exemplos e das sugestões incidindo em indivíduos predispostos para o vício, a que contudo se pode resistir pela fôrça de vontade e pela tèmpera moral que opõem um escudo ao assalto das tentações. Muitos, se não a maior parte, sucumbem só pela ignorância dos perigos e conseqüências que nunca lhes foram mostrados.

Dentro daquela parte, tão grata e elevada da nossa missão de médicos, que visa a evitar as



A locomotiva 2008 M. D.

Fotog. de L. Schepens

doenças, cumpre-me trazer refôrço à vossa resistência moral instruindo-vos sôbre os funestos resultados dos abusos alcoólicos. Creio que não julgareis exigência fora de propósito, se eu vos pedir, em troca do meu esforço, que me assegureis uma colaboração activa e consciente na educação anti-alcoólica do povo português.

Razões fortes como vêm para que seja indispensável que me acompanhem agora no estudo dos aspectos trágicos dêste assunto.

O alcoolismo e os seus malefícios

Antes de tudo temos que nos entender sôbre a significação das palavras. Decido-me pela definição mais simples e comprehensiva. Alcoolismo é o abuso de bebidas alcoólicas e, ao mesmo tempo, o estado patológico que dêsse abuso resulta. Ficam assim abrangidas as intoxicações aguda e crónica e as suas conseqüências.

Alcoolismo agudo

Como se sabe a intoxicação aguda traduz-se pela embriaguez. Poucos por experiência própria, todos por observação directa, conhecem mais ou menos as manifestações dêsse estado. Não vale a pena demorar-me muito a analisá-las.

Mas está dentro da minha obrigação mostrar-lhes como a bebedeira que, quando rara em um indivíduo, muitos consideram uma extravagância inofensiva e perdoável e até um motivo de divertimento para os espectadores, tem, mesmo nessas condições, os seus perigos quer para o próprio ébrio, quer para os que o rodeiam, quer ainda para os seus descendentes.

Embriaguez

Encaremos por agora apenas a intoxicação aguda, ocasional, nos indivíduos que poderemos chamar bêbedos e não alcoólicos porque não se entregam habitualmente a abusos. Mesmo nesses ela implica sempre uma alteração da personalidade e uma perturbação da consciência que conduz à perda parcial ou completa da

fiscalização dos próprios actos. O indivíduo transforma-se, perde o comando de si próprio e, prêsas de tôdas as impulsões e sugestões occorrentes, pratica gestos e consoma actos que no seu estado normal condenaria. E basta isto para que se compreendam as conseqüências graves que tanta vez resultam de uma simples bebedeira.

A intensidade das manifestações depende de dois factores principais — a natureza e quantidade do alcool ingerido, e a susceptibilidade maior ou menor, quer dizer o grau de fragilidade de cada organismo, em especial do seu sistema nervoso. Todos o sabem. Postos em presença, como reagentes, quantidades iguais de alcool e indivíduos diferentes, os resultados, as reacções obtidas, são diversos. Há indivíduos com boa tolerância em que uma grande dose não faz mosca aparente e, em contraste, outros predispostos, de sistema nervoso mais excitável, de fígado e de vasos menos resistentes que, ao menor excesso, ficam perdidos de cabeça, têm ameaças congestivas, ou repercussões hepáticas que podem ir até à icterícia. Quando lido com êstes sujeitos, que exibem evidentes sintomas de intolerância, costumo cortar a discussão levantada pelo interrogatório dizendo-lhes: «Posso acreditar que o senhor bebe pouco, mas tenho a certeza de que êsse pouco é já demasiado para si».

Há a considerar logo de entrada o grau de intoxicação atingido.

Em baixo da escala está o pequeno excesso que apenas gera, se o indivíduo tem o *vinho alegre*, aquella disposição de bom-humor, em que êle parece ter encontrado, para gôzo próprio mas transitório, uma espécie de paraíso artificial. O mundo é dêle! Vêmo-lo exuberante, tornou-se eloquente e sobretudo sincero. Abre-nos o seu peito e revela-nos os segredos mais íntimos a justificar o provérbio: *in vino veritas!*

Dentro do mesmo grau outros, que têm o *vinho triste*, sentem-se desgraçados, têm ideas de ruína, imaginam que lhes morreram os parentes. Tudo lhes corre mal e pelo mais fútil motivo desatam a chorar em berros como crianças castigadas.

E' de uns e outros que se costuma dizer, quando a perturbação é ligeira, que estão com um *grão na asa*.

Levaria muito tempo recordar-lhes tôdas as manifestações dos diferentes graus e períodos da embriaguez, que se traduzem pela intensidade progressiva dos sintomas já mencionados e pelo aparecimento de outros.

Coma alcoólico

Passo a falar-lhes da intoxicação grave que produz o máximo de aniquilamento do indivíduo porque chega a atingir o estado comatoso de que se sai pela morte. E' nêstes casos que se diz, com dolorosa verdade, que o sujeito apanhou uma de *caixão à cova*!

Nêsse estado tôda a vida de relação está suspensa. Não sentem, não ouvem, não falam, nem se movem. Têm incontinência de fezes e de urina. Subsiste apenas um mínimo de vida vegetativa que assegura uma respiração precária, irregular, e uma circulação deficiente que se traduz por pulso pequeno, incerto, e o arrefecimento progressivo. Tem-se observado casos em que a temperatura desce para 27° e mesmo para 24°.

Nem sempre a creatura, muitas vezes caída em sítio ermo, é levada a tempo a um pôsto de socorros que, aliás, mesmo prestados no comêço, podem não vencer a situação. Instala-se o estertor, as funções vitais vão decaindo até que, dentro de algumas horas, cessam.

Descrevi-lhes sumariamente, omitindo os restantes sintomas, que mais interessam aos médicos, e sem necessidade de carregar as tintas sombrias do quadro, a *morte em coma alcoólico*.

Os toxicologistas têm averiguado que a dose mortal, expressa em alcool absoluto, é aproximadamente de 300 gramas. A' roda dêste valor essa dose depende, é claro, das condições de peso, idade e resistência dos indivíduos, da natureza do alcool, das essências que o acompanham e dos outros componentes, também tóxicos, das bebidas em que êle está encorporado e, ainda, da diluição, da ingestão com o estômago mais ou menos vazio, da temperatura ambiente, etc.

Felizmente êstes casos de envenenamento

fatal, mesmo com intuitos suicidas, vão sendo cada vez mais raros. Mas ainda um ou outro aparece no noticiário como funesto resultado das famosas e estúpidas apostas em que tristes herois de taberna defendem os seus créditos de devotos de Baco até ao ponto de lhe oferecerem, inconscientes, o sacrifício da vida!

Apresentados êstes exemplos extremos — o da embriaguez ligeira, e o do coma alcoólico — muito fica ainda por dizer sôbre as outras consequências menos dramáticas e imediatas para o próprio intoxicado. Mas os senhores sabem muito bem quantos desastres, crimes, desordens, atentados e actos deshonestos de tôda a espécie, têm resultado dêsses estados de perturbação mental.

Consequências para a descendência

O que podem não saber e me compete dizer-lhes, mantendo-me ainda no campo do alcoolismo agudo, ocasional, é que êsse estado episódico pode trazer *funestos resultados para a descendência*.

Tem-se notado que uma boa parte dos degenerados e epiléticos foram procreados a seguir a festas acompanhadas de excessivas libações ou nas estações do ano em que, em certos países, mais se abusa do alcool — nos chamados *meses de bebida*.

Quantas vezes um homem morigerado não cria, nas horas escassas e malditas da sua primeira, se não única, embriaguez, um motivo de amarguras e remorsos para tôda a vida, dando o ser a uma criatura tarada e predisposta para sinistros destinos!... Quiz assim referir-me aos que clàssicamente são conhecidos por *filhos dos domingos, filhos da boda ou das festas* com que se celebram os regressos dos maridos após as longas ausências.

E' êste um aspecto melindroso das consequências da embriaguez e que põe um problema em que muito têm que estudar e intervir os apóstolos da *eugénia*.

Sabem o que esta palavra quer dizer porque aqui o ensinou o meu Colega, distinto simultaneamente como médico, pensador, pedagogo e humorista, o Dr. João Cid, quando, há cerca

de um ano, com tanta elevação de conceitos e tão notável elegância literária, discorreu sobre a «Higiene e a Civilização» ao pronunciar a sua magistral conferência de introdução a esta série. Para os que esqueceram reproduzo a sua perfeita definição: «*Eugénia* é o departamento da Higiene cujo objectivo é estudar as condições de capacidade física e psíquica dos progenito-

res, de maneira a garantir nos seus descendentes, tanto no domínio físico, como no intelectual e moral, as melhores qualidades de adaptação à vida».

Como deduzem facilmente, a procreação em estado de embriaguez é a própria negação das mais elementares regras subentendidas nessa definição.

(Continua)

CONCURSO
DE FOTOGRAFIAS
DE 1936

△ △

COIMBRA

◁ ▷

Claastro da Igreja
de Santa Cruz

▽ ▽

Fotog. de Manuel Gonçalves, empregado de 2.ª classe da Divisão de Exploração.



Notas de Arte.

Uma cidade desencantada

Pelo Snr. Eng.º J. de Sousa Nunes, Chefe de Serviço da Divisão de Via e Obras

(Continuação)

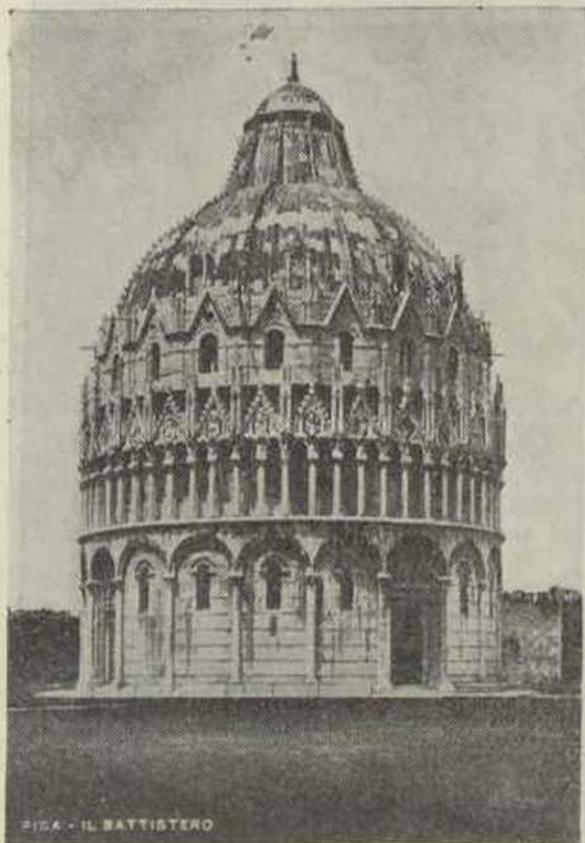
As antigas dificuldades económicas e sociais da Península Itálica, exacerbadas pelo enorme esforço dispendido com o valioso auxílio prestado à causa dos Aliados no passado pleito europeu, ampliadas pela desilusão dos tristes resultados obtidos, geraram na jovem nação um estado de depressão e aviltamento que a impeliu para alucinado desespero evidentemente precursor de degradante queda em horrenda anarquia.

O valor da raça velava, porém, e, reagindo com vigor no momento oportuno, não deixou inutilizar as conquistas e benefícios anterior-

mente conseguidos à custa de tantos e tão pesados sacrifícios.

Como nos últimos tempos da República Romana, apareceu um Homem que, possuidor de aliciente doutrina, galvanizou tôdas as energias, susteve a desorganização reinante, fortaleceu o espírito de união peninsular e iniciou a reconstrução da pátria italiana que, em pouco mais de um decénio conseguiu guindar a um nível de progresso interno e conceito internacional nunca até então atingidos.

Esse Homem chama-se — Mussolini — e a sua excelente ideologia política, denominada



Pisa — O baptistério gótico começado em 1153 por Diotisalvi, continuado em 1278 e acabado no século XVI



Roma — Fonte de Trevi — A cidade eterna é a cidade mais amplamente dotada de água potável em todo o mundo. São numerosas as fontes jorrando continuamente abundante caudal. Esta fonte foi concebida em 1763. Esculturas barocas sobre fundo arquitectónico clássico

«fascismo»⁽¹⁾, preconiza o revigoramento da raça e o engrandecimento nacional. A população do Reino aderiu a tão salutares quanto insígnies princípios não só com delirante entusiasmo mas também com soberba unanimidade.

A Itália fascista começou a execução do seu patriótico programa pela reconquista, colonização e apetrechamento do próprio território e dessa luta, nem sempre fácil, mas inalteravelmente nobre, julgo interessante salientar um episódio digno de admiração.

Existia perto de Roma, desde tempos imemoriais, uma vasta região coberta de extensos pântanos onde pululava e se reproduzia inten-

samente o germe da malária, febres sezonáticas depauperantes e mortíferas que atacavam com violência os raros habitantes, motivo por que tal província se



Roma — Museu do Capitólio — Cabeça colossai do imperador Constantino encontrada nas ruínas da basílica que mandou construir. Devia pertencer a uma estátua sentada



Roma — S. João de Latrão — «A catedral de Roma e do mundo» construída pelo imperador Constantino mas de tão movimentada existência que hoje nada possui à vista desse tempo. Exterior grandioso e solene; estátuas, mosaicos e frescos soberbos. No meio do transepto eleva-se o altar papal, onde se guardam as cabeças de S. Pedro e de S. Paulo, abrigado sob um baldaquino gótico do começo do século XIV.



Um «fascio» (segundo escultura dum palácio romano)

(1) Este nome provém de distintivo que os adeptos do novo credo político tomaram como emblema — o fascio — usado pelos romanos como símbolo de autoridade — feixe de varas e um machado envolvidos por uma corda, que os «licttores» levavam ao ombro quando em público precediam os juizes ou os ditadores.

encontrava praticamente abandonada.

Já os imperadores romanos tinham, por várias vezes, tentado sanear o desolador «Agro Pontino» mas, a pesar da força da sua autoridade e não obstante o incontestável engenho latino de construção e colonização, tal projecto nunca se realizou.

Em 1929, Mussolini, chefe do governo italiano, empreendeu resolutamente a grandiosa obra, denominada «bonífica» e o saneamento do enorme lodaçal é hoje uma das maiores glórias do «fascismo».

A campanha foi rude, pois os primeiros trabalhadores caíram quasi todos dizimados pelas sezões, mas o «Duce»⁽¹⁾ não desanimou e devido à sua tenaz persistência a região oferecia, dentro de pouco tempo, largos

(1) Título de Benito Mussolini.



Cidade do Vaticano — A catedral de S. Pedro, delineada no século XVI por Bramante vista da colonata de Bernini construída no século XVII e que conta 248 colunas. A primitiva basílica foi mandada edificar pelo imperador Constantino sobre o túmulo do apóstolo, mas do século XV ao XVII tudo foi grandiosamente refeito. O zimbório desta igreja, que é a mais vasta do mundo é da autoria de Miguel Angelo e tem 42^m de diâmetro e 132^m,5 de altura



Roma — Galeria Borghese — A «Fornarina» de Rafael de Urbino, o mais extraordinário dos pintores que viveram no começo do século XV e morreu extemporaneamente aos 37 anos de idade



Roma — Sala de Paulina Bonaparte na Galeria Borghese, fundada pelo Cardeal Scipião Borghese e hoje propriedade do Estado italiano, constituindo uma das mais preciosas colecções de pintura da «cidade eterna»

tratos de terreno cultivável, cujas condições sanitárias permitiam o repovoamento.

Até agora foram, aí, apropriados à cultura agrícola 75.000 hectares onde o governo instituiu 2.800 quintas que 60.000 camponeses arroteiam. Através da referida província abriram-se centenas de quilómetros de estradas e canais que obrigaram à construção de inúmeras pontes e albufeiras e fundaram-se aldeias, vilas e cidades higiénicas e cientificamente delineadas tais como Litória, Sabáudia e Aprília, que atestam também a tradição artística da raça.

A população da região que era de 7 habitantes por quilómetro quadrado, quando a superfície inculta atingia 80% da sua área, ascende a 57,

hoje que os campos laboráveis ultrapassam 83 % da mesma. Onde noutros tempos só raros búfalos medravam, pascem agora 17.000 cabeças de gado bovino.

As extraordinárias vitalidade e fecundidade do povo italiano obrigaram os funda-

Ao lado: Roma — Galeria Borghese — Vénus deitada, por Cánova (1805). «Felizmente o escultor não conseguiu divinizar o seu modelo, a linda Paulina Bonaparte. Neste veneziano, a anticomania não pôde reprimir o sentimento voluptuoso da beleza feminina».

Léon Deshairs



Roma — Monumento a Vitor Mannel II — «Este santuário colossal, dedicado à «Ressurreição» italiana, oferece um valor simbólico que ultrapassa o seu interesse artístico».

dores da nova Itália a procurarem solucionar o problema, por vezes angustioso, da expansão do seu excesso populacional.

Muitas regiões da Península Itálica possuem de facto condições naturais que as tornam riamente privilegiadas sob múltiplos aspectos, mas, apesar disso, não bastam às necessidades sempre crescentes do seu incessante aumento demográfico nem permitem fixá-lo.

O único remédio para tal situação que, de princípio, se anto-

Em baixo: Roma — As ruínas do «Forum» romano vistas do monte Palatino. No alto à esquerda o tardós do monumento a Vitor Manuel II e o museu Capitolino; em baixo, o arco do imperador Sétimo Severo construído no ano 203 da nossa era, o «Forum», a basilica Julia edificada por Júlio César no século I antes de Cristo, os templos de Castor e Polux, de César, de Vesta e uma pontado átrio da casa das vestais. «O primeiro fenómeno de singular grandiosidade mais visível ao estrangeiro, é a Ressurreição da Roma antiga. Ha vinte anos podia-se reconstituir esta cidade na imaginação, enxerga-la por vezes sôb a cidade moderna como um corpo sôb uma túnica rôta. Hoje pas-seia-se ali. Não ha nada de mais impressionante do que deambular, às horas de calor em que a Roma latina também estava deserta, do arco de Constantino ao de Tito. Temos a sensação de ser um viajante que caminha vivo através do passado!»

Henry Bidon





Roma — A cidade universitária vista de avião



Roma — Pórtico da Reitoria, Biblioteca e Anfiteatro. «O Governo italiano dedica-se afincadamente à preparação da juventude não só sob o ponto de vista da educação física mas também pelo que se refere ao ensino intelectual e moral. Ao passo que nas capitais de algumas nações se arrasta há longos lustros a construção de cidades universitárias, Roma assistiu, em Outubro do ano findo, à surpreendente inauguração da mais perfeita e melhor concebida de todas, cujas obras poucos anos há que foram iniciadas».

lhava aos espíritos simples consistia na emigração. Esta chegou a exercer-se em proporções tão extraordinárias que em 1913 atingiu cerca de 900.000 indivíduos. Os expatriados dirigiam-se para todas as partes do mundo, mas a maioria tem-se acolhido de preferência a França que sofre precisamente do mal inverso, ou seja de um progressivo decréscimo da população. Esta circunstância explica cabalmente o facto de ter encontrado povoações quasi inteiramente italianas no Sudeste e Sudoeste de França durante as longas permanências nesta nação a que tenho sido obrigado por motivos de serviço oficial da minha profissão.

Para minorar em Itália as adversas condições económicas provenientes do constante acréscimo demográfico, outras soluções têm sido modernamente estudadas e realizadas. Entre estas sobressai a relativa ao intensivo apetrechamento de todos os ramos da actividade nacional o que

tem produzido os mais admiráveis resultados.

Aos obstáculos da natureza tem a nação oposto a energia e a inteligência do seu povo. De facto, por toda a parte se nota a tenaz actividade do homem que, pacientemente e com proficiência, vai transformando em férteis campinas largos tratos de áridas superfícies do solo pátrio; onde é preciso, doma heróica e genialmente o ímpeto devastador das torrentes convertendo-as em preciosos auxiliares da sua labuta, dando ao mundo um dos exemplos mais notáveis de sábia política de aproveitamentos hidráulicos; extrai do sub-solo todas as riquezas que este lhe pode fornecer; levanta construções memoráveis; conquista audaciosamente ao Mediterrâneo as zonas que mais lhe convêm para a ampliação das suas instalações marítimas; sulca, providentemente e com critério, todo o território de vias de comunicação apropriadas a todos os géneros de meios de transporte e finalmente obscurece os ares com a sua potentíssima frota aérea porventura em busca de mais amplos horizontes.

Tem de se reconhecer que não só a emigração mas também todas as obras de aperfeiçoamento material do território nacional, empreendidas com tanto fervor, não podiam, porém, deixar de ser consideradas em Itália senão como simples paliativos: a resolução eficaz, para a qual todos os esforços convergiam, cifrava-se na obtenção de um domínio colonial de grande



Tripoli — Aspecto da capital da colónia italiana denominada Tripolitania no norte de África. O escritor *Louis Bertrand*, da Academia Francesa, escreveu: «o que espanta mais, é o ar de grandeza, o carácter verdadeiramente imperial que os italianos souberam dar à maior parte dos seus edificios; seguem, nisso, a tradição de Roma, que sabia não só governar os povos, mas também inspirar-lhes o respeito da sua força e do seu génio».

vastidão e riqueza. Após inauditos trabalhos conseguiram os italianos conquistar em África a Líbia, a Eritreia e a Somália, regiões constituídas em grande parte por desertos onde a segurança e as condições naturais são precárias. Estas províncias ultramarinas nunca poderiam satisfazer as suas necessidades materiais nem corresponder às aspirações de um povo tão íntima e fortemente sugestionado pelo grandioso passado de Roma.

Para sair da opressiva situação económica e moral em que se debatia, teve a Itália que recorrer ultimamente à sorte das armas ocupando militarmente a inexplorada Abissínia, única região da África capaz de satisfazer as suas ambições e ainda não dominada claramente por qualquer potência europeia.

Certamente que em breve veremos a selvática Etiópia, como também se lhe



Tripoli — Uma vista bem moderna duma magnificente esplanada à beira do Mediterrâneo, na capital da colónia italiana do norte de África. «Sobretudo devo confessar a minha surpresa, verificando numa colónia tão recente, acabada de pacificar, uma organização tão enérgicamente impelida e já admiravelmente realizada».

Louis Bertrand
Da Academia Francesa



Roma — Vista de avião do «Forum» de Mussolini. «Para desenvolver nos filhos de Roma o gosto pelo vigor disciplinado, foi aberto às portas da cidade Eterna o «Forum Mussolini», estádio imenso, ornado de estátuas de atletas oferecidas por todas as cidades de Itália, verdadeira universidade de cultura física» — H. Bidon



Roma — Pormenor do «Forum» de Mussolini

chama, atingir, se não ultrapassar, o nível de civilização das suas já citadas possessões que apesar de paupérrimas e ingratas se encontram excelente e invejavelmente valorizadas honrando a milenária tradição romana.

Eis a larguíssimos traços alguns tópicos acerca da geografia e história da portentosa nação que, segundo o grande historiador romano Plínio o Velho, era a mais dedicada aos deuses, como êle afirmou com a seguinte frase latina tornada célebre :

HAEC EST ITALIA DIIS SACRA (1).

(1) Esta é a Itália consagrada aos deuses.

(Continua)

Consultas e Documentos

CONSULTAS

I— Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 651. — Tendo dúvidas se a uma remessa constituída por cortiça a que no Vale do Vouga tenham fornecido um vagão e na transmissão tenham passado a carga para 2 vagões, se deve conceder a bonificação de que trata a condição 2.ª do Cap.º 1.º da Tarifa Especial n.º 1 de P. V., peço ser elucidado.

R. — Desde que as remessas de cortiça provenientes das linhas de via reduzida constituam, à partida, carregamento de vagão completo e estejam nas condições estabelecidas na

2.ª das condições particulares do Cap.º 1.º da Tarifa Especial n.º 1 de P. V., disfrutam da concessão de bônus de 10%.

Assim, se uma remessa procedente de via reduzida fôr transportada em um só vagão e depois na transmissão tiver sido necessário utilizar dois vagões, a taxa será processada da seguinte forma:

— *um dos vagões* — desde que seja atingido o mínimo de carga de vagão completo ou que convenha pagar como tal, aplicar-se-á o abatimento de 10%.

— *o outro vagão* — se a carga não atingir o mínimo exigido para vagão completo ou que convenha pagar como tal, será taxada como



Palácio da Pena — Quarto de dormir da Rainha

remessa de detalhe. Se atingir o mínimo exigido para vagão completo, disfrutará do abatimento de 10%

P. n.º 652. — Peço seja discriminada a seguinte taxa:

Um bilhete de 3.ª classe da Tarifa 14 de Santarém a Azambuja válido por 6 meses.

Depois de utilizado 6 meses, foi ampliado por mais 6 e ampliado o percurso até Sacavém, na mesma classe.

R. — A taxa processa-se da forma seguinte:

A cobrar no acto da requisição por ampliação de percurso:

Santarém a Azambuja (Preço anual)	879\$05
» » Sacavém (» »)	1.248\$85
Diferença.....	369\$80

Preço para 6 meses:

369\$80 : 2	184\$90
Sobretaxa (Condição 12.ª).....	12\$10
A cobrar pela ampliação do percurso	197\$00
A cobrar por sobretaxa de ampliação de prazo (Condição 11.ª)	25\$50
	222\$50

A cobrar no acto da entrega do bilhete por ampliação de prazo:

Santarém a Azambuja (Semestral).	590\$20
» » » (Anual)	879\$05
Importância a cobrar	288\$85

Corresponde, portanto, cobrar em total pela ampliação de percurso e de prazo..... 511\$35

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Aviso ao Público A. n.º 495. — Estabelece a reciprocidade na venda dos bilhetes de ida e volta previstos no Aviso ao Público n.º 462, que é anulado.

Aviso ao Público A. n.º 497. — Anuncia as restrições a que está sujeito o serviço internacional, em virtude de irregularidade nos serviços ferroviários em Espanha.

Aviso ao Público A. n.º 498. — Anuncia o encerramento dos Despachos Centrais de Aveiro e Vagos, a partir de 30 de Agosto de 1936.

Aviso ao Público A. n.º 499. — Trata do mesmo assunto do Aviso ao Público A. n.º 497 que, por este último, é anulado e substituído.

Aviso ao Público A. n.º 500. — Amplia a Ortiga (ap.) e Sines a venda de bilhetes do Aviso ao Público A. n.º 476, que é anulado.

8.º Aditamento às Tabelas do serviço de banhos interno. — Estabelece novos bilhetes de várias procedências para vários destinos.

9.º Aditamento à Tarifa Especial Interna n.º 10 de G. V. — Substitui a indicação da estação de destino de Paialvo (Tomar) pela de Tomar e modifica a redacção da «Observação importante».

14.º Aditamento à Tarifa Especial Interna n.º 14 de G. V. da Antiga Rede; 26.º Aditamento à Tarifa n.º 1 de G. V. do Minho e Douro e 35.º à Tarifa n.º 1 de G. V. do Sul e Sueste. — Amplia ao trôço Pêro Negro-Tôrres Vedras a venda de bilhetes semanais e mensais e modifica a redacção da Condição 3.ª

22.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de P. V. em vigor nas linhas da Antiga Rede e 11.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de P. V. em vigor nas linhas do Sul e Sueste e do Minho e Douro. — Modifica os escalões de bónus concedidos pelo 12.º Aditamento (2.º das linhas do Estado) que por este fica anulado.

Os novos escalões beneficiam os expedidores de 1:000 e 2:000 toneladas de adubos transportados para as estações de Pampilhosa a Campanhã e mais além.

Aditamento n.º 34 à Classificação Geral. — Para que a Classificação Geral se mantenha atualizada de modo a que satisfaça ao fim a que se destina, alteraram-se por este aditamento os mínimos de carregamento estabelecidos para os transportes de cortiças e de caruma em regime de vagão completo e colocou-se o peróxido de sódio ao abrigo do Capítulo II da Tarifa Especial Interna n.º 1 de P. V.

36.º Aditamento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de G. V. do Sul e Sueste. — Estabelece, a título temporário, bilhetes de ida e volta de várias estações para a de Sines ou vice-versa.

Comunicação-Circular n.º 37-bis. — Esclarece que a sobrecarga de 20 % estabelecida pela Condição 2.ª do Capítulo IX da Tarifa n.º 1 de G. V. do Sul e Sueste só se aplicará às expedições de «marisco» quando o peso de cada volume exceda 100 quilos.

Carta Impressa n.º 15. — Esclarece que os preços do Aviso ao Público A. n.º 460 estão cativos do adicional de 10 % quando aplicados às remessas de «castanha comum» e de «flôres naturais cortadas» a que se refere o Aviso ao Público A. n.º 471.

II — Fiscalização

Carta Impressa n.º 48. — Relaciona o passe, bilhetes de identidade e anexos extraviados na 2.ª quinzena do mês de Julho de 1936 e que devem ser apreendidos.

Carta Impressa n.º 49. — Relaciona os bilhetes de identidade e anexos extraviados na 1.ª quinzena

do mês de Agosto de 1936 e que devem ser apreendidos.

Circular n.º 847. — Dá instruções sobre a devolução de taras referentes a expedições de g. v. de e para estações das linhas do Minho e Douro ou do Sul e Sueste, quando procedam, se destinem ou transitem pela Antiga Rêde.

Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial no mês de Agosto de 1936

	Antiga Rêde		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados
Periodo de 1 a 7	4.279	3.914	1.911	1.937	2.163	1.853
» » 8 » 14	4.508	4.138	1.805	1.924	2.440	2.228
» » 15 » 22	5.130	4.851	1.912	2.194	2.632	2.795
» » 23 » 31	5.808	5.565	2.247	2.328	3.200	2.945
Total.....	19.725	18.458	7.875	8.383	10.435	9.821
Total do mês anterior	19.884	18.212	8.141	8.316	7.634	7.019
Diferença	- 159	+ 246	- 266	+ 67	+ 2.801	+ 2.802

Factos e informações

Como se tem desenvolvido a rede ferroviária mundial

O desenvolvimento dos caminhos de ferro em todo o mundo atingia no fim de 1933 cêrca de um milhão e trezentos e vinte mil quilómetros. Eis a repartição pelos diversos continentes:

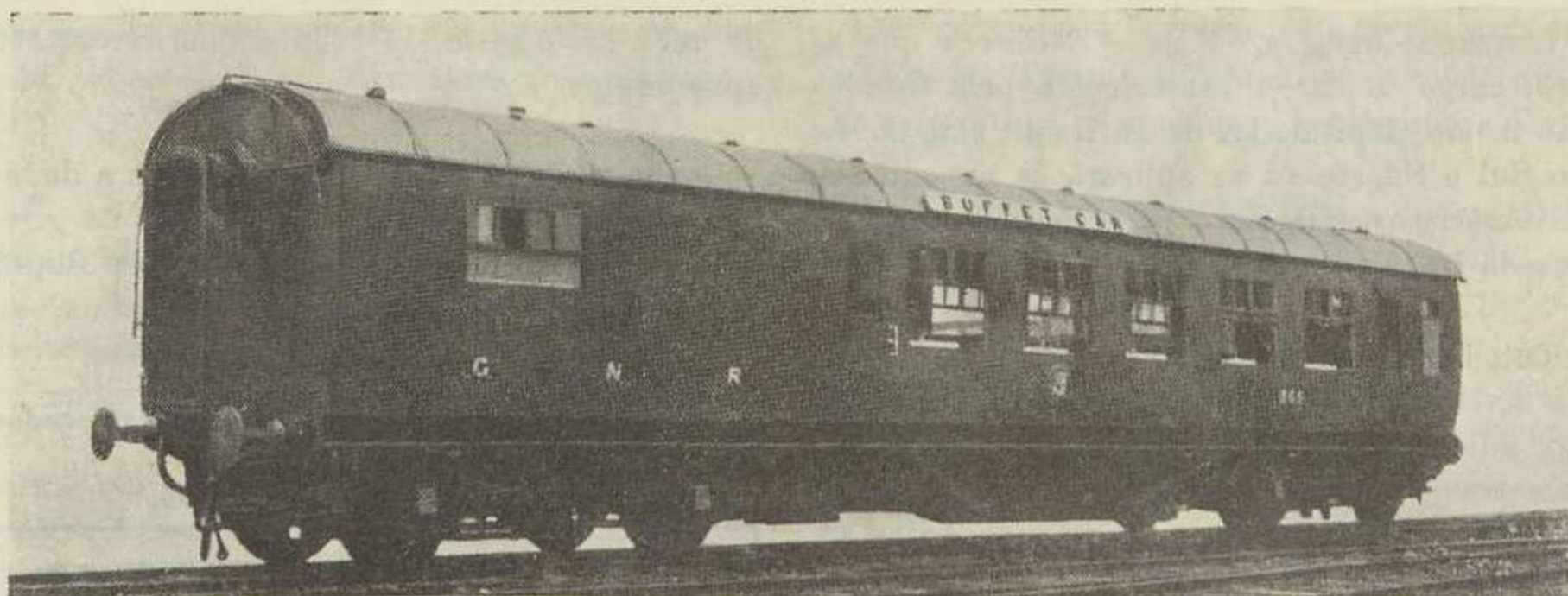
Europa	435.000 Km.
América ..	625.000 »
Ásia	138.000 »
Africa	72.000 »
Austrália	50.000 »
Total.....	1.320.000 »

Foi em 1840 que se sentiu pela primeira vez a necessidade de fazer um cômputo completo de tôdas as linhas ferroviárias. Desde então

pode, de certo modo, seguir-se o avanço da rede mundial decénio por decénio até 1930 e desta data em diante, até 1933, mesmo anualmente:

Anos	Milhares de Km.	Aumentos (Milhares de Km.)
1840	7,7	7,7
1850	38,6	30,9
1860	108,0	69,4
1870	209,8	101,8
1880	372,4	162,6
1890	617,3	244,9
1900	790,1	172,8
1910	1 030,1	240,0
1920	1.200,7	170,6
1930	1 279,7	79,0
1931	1.281,9	2,2
1932	1.304,3	22,4
1933	1.317,6	13,3

Até 1850 os caminhos de ferro desenvolveram-se só na Europa e na América. Dez anos



Nova carruagem-restaurant da Companhia «Great Northern Railway» (Irlanda)

mais tarde estavam já espalhados por todos os continentes.

O período de maior actividade construtiva foi o de 1880 a 1890, sendo também notável o decénio compreendido entre 1900 e 1910.

O ritmo da progressão baixou no período seguinte e diminuiu fortemente depois de 1920 o que se pode explicar por duas razões: em tôdas as nações da antiga civilização as rêdes tinham adquirido a configuração definitiva ou tinham-se avizinado muito dela; nos estados novos e especialmente nas colónias o desenvolvimento do automobilismo fez renunciar ou sustar a implantação de algumas novas vias férreas.

Novas carruagens-restaurantes nos caminhos de ferro da Irlanda do Norte

A Companhia «Great Northern Railway», (Irlanda), tem em serviço na linha Dublin-Belfast, duas carruagens restaurantes, de construção moderna, e em que podem ser servidos aos passageiros, refrescos e bebidas várias, lanches ligeiros e refeições.

Os veículos têm, dispostas em dois compartimentos, mesas para 40 pessoas. O resto da carruagem é ocupada pelo «bar» e cozinha, num dos tôpos e pelo W. C. no outro.

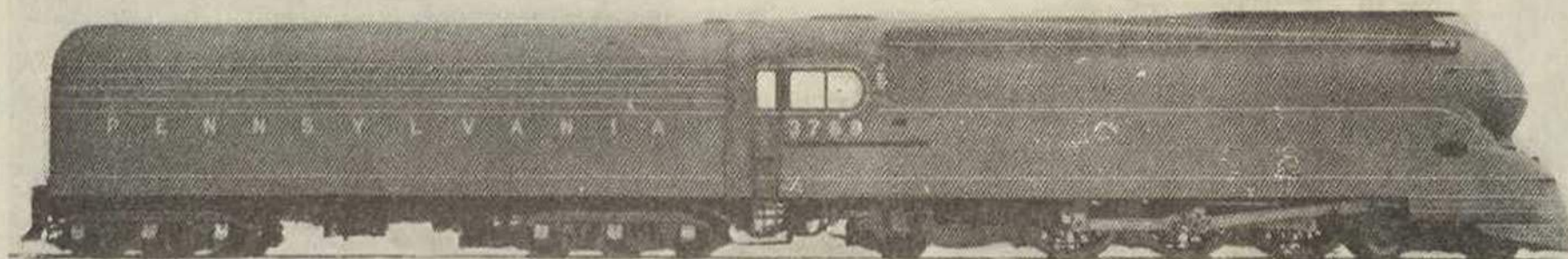
As mesas e respectivas cadeiras são em tubo cromado. O «bar» é do tipo corrente, com balcão e bancos altos e, como se verifica na gravura que publicamos, está apetrechado com os mais modernos aparelhos para conservação, gaseificação e refrigeração de bebidas.

A cozinha tem todos os melhoramentos que a técnica aconselha para a satisfação das exigências dos gastrónomos.

Cada um dos veículos pesa 32 toneladas e a sua inclusão nas composições dos combóios da G. N. R. teve o melhor acolhimento dos passageiros,



«Bar» da carruagem, onde são servidas aos passageiros as mais variadas bebidas e refrescos



Locomotiva «Pacific» da «Pennsylvania Railroad» e respectivo *tênder* comportando 81 m³ de água

O reinado do aerodinamismo

As gravuras mostram uma locomotiva aerodinâmica construída para a «Pennsylvania Railroad», grande empresa ferroviária dos E. U. da América.

Um modelo desta máquina foi submetido a grandes ensaios no «túnel de ar», instalação especial dos laboratórios de aerodinamismo da universidade de Nova-York. Os resultados foram concludentes; a nova locomotiva foi considerada, entre as suas congêneres de todo o mundo, como a que menos resistência oferece ao ar.

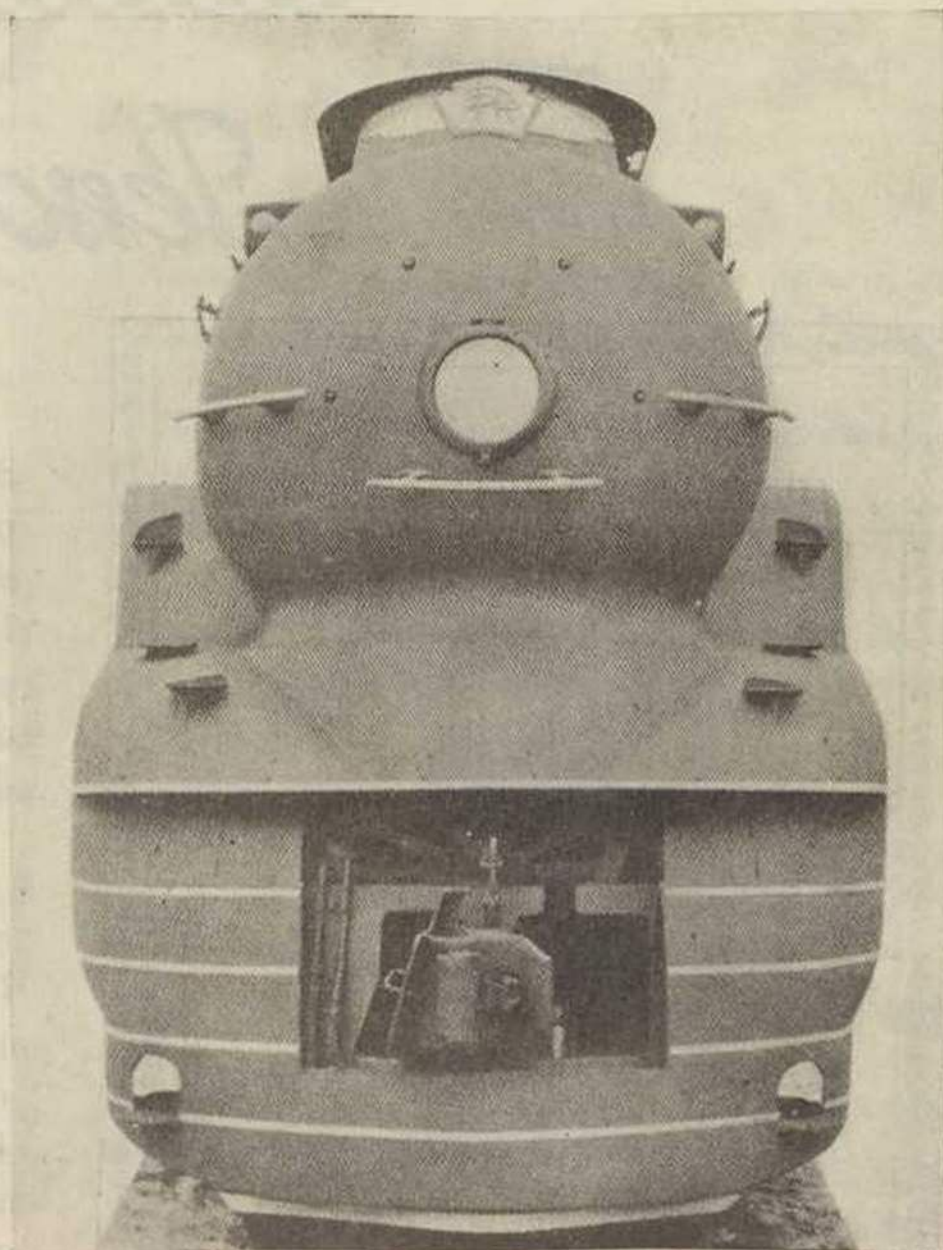
Excursão do Grupo Instrutivo Ferroviário de Campolide

Realizou-se no dia 20 de Agosto último uma excursão de 24 alunos do Curso Técnico Profissional do Grupo Instrutivo Ferroviário de Campolide, às oficinas gerais do Barreiro, tendo sido acompanhada pelos Snrs. Lourenço da Costa e José Geraldo Lopes, ambos da Direcção da referida Escola.

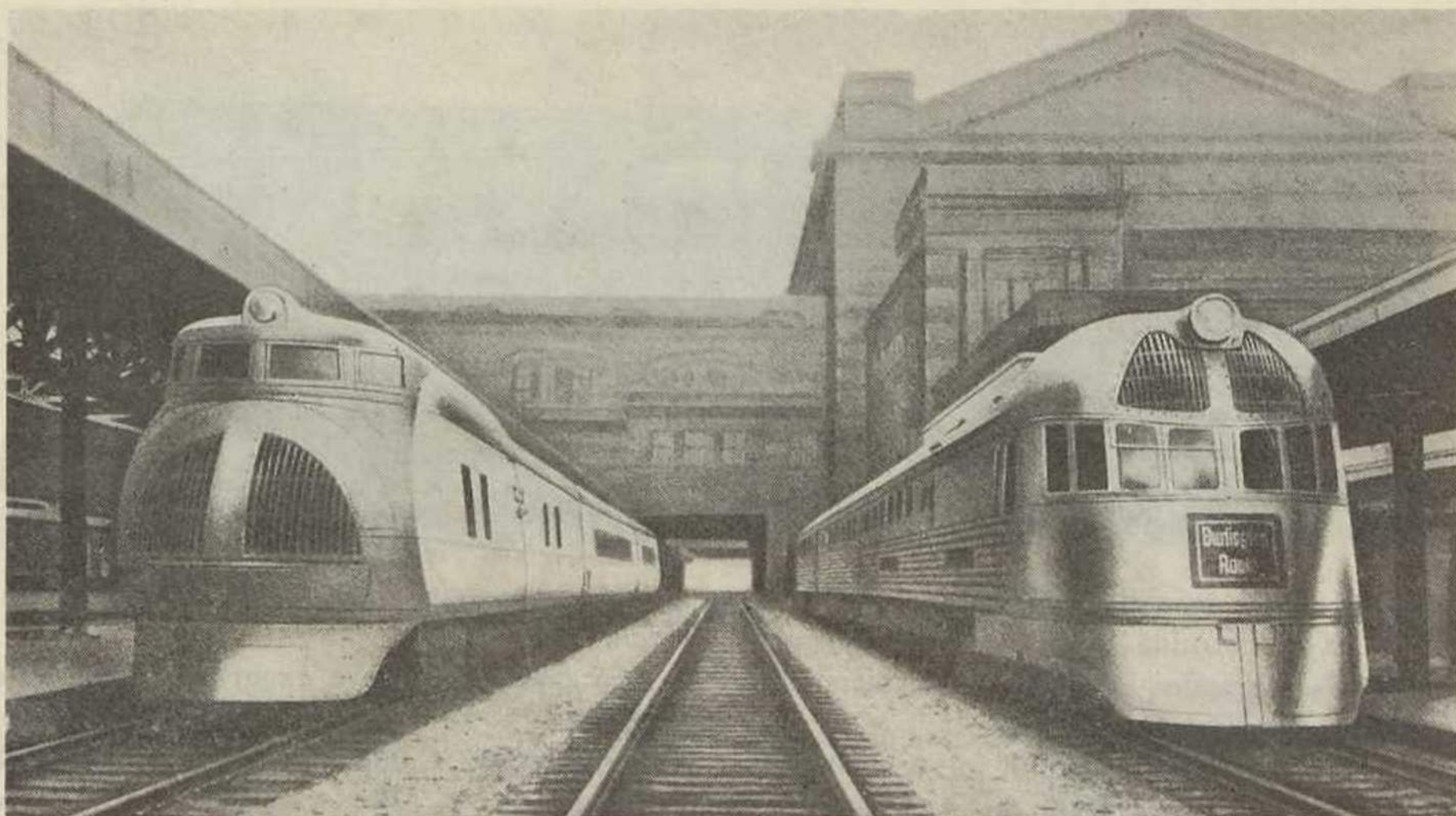
Acompanhou os alunos durante a sua visita a todas as dependências das oficinas, o Snr. Engenheiro Bruschy, que deu várias e úteis explicações sobre o movimento das oficinas e diversa aparelhagem empregada, conseguindo criar nos alunos interesse digno de registo por todo o funcionamento daquelas oficinas.

Aproveitou-se a oportunidade da estada no Barreiro para visitar o Instituto Ferroviário e a prestimosa Associação de Bombeiros Voluntários.

Pela maneira como a excursão foi recebida, apresenta a Direcção do Grupo Instrutivo Ferroviário de Campolide por intermédio do *Boletim da C. P.* os seus sinceros agradecimentos aos Snrs. Engenheiros daquelas oficinas.



Vista de frente da locomotiva aerodinâmica



Dois combóios Diesel-eléctrico na estação de Kansas (E. U. A.)
A esquerda — O combóio da Companhia «Union Pacific Railroad». A direita — O «Zéñro de Burlington» da Companhia «Chicago, Burlington e Quincy»

Pessoal

Actos dignos de louvor

AGENTE QUE COMPLETA 40 ANOS
DE QUADRO



Francisco Gonçalves de Faria

Chefe de 1.ª classe

Admitido como praticante de factor em 27 de Abril de 1896

Foi elogiado o Chefe do Distrito n.º 246, Snr. João Ferreira, porque, no dia 2 de Julho p. p. teve conhecimento de que descarrilara a máquina do combóio 800 ao Km. 323,700 — Ramal de Portimão — e, a-pesar-de estar com parte de doente, dirigiu os primeiros trabalhos de carrilamento enquanto não chegou o Chefe de lanço que vinha no combóio de socorro.

Pelas provas de grande dedicação pelo serviço, cumprindo com entusiasmo as ordens que lhes fôram transmitidas, atinentes ao rápido restabelecimento da circulação, quando do descarrilamento da carruagem B^F 3453 do combóio 800 de 9 de Julho p. p. ao Km. 119,995 da linha do Sado, fôram elogiados os seguintes agentes:

Distrito n.º 283 — Joaquim António, Chefe,

João Fernandes Fantazia, *Sub-chefe*, Domingos da Silva e José Guerreiro Louzeiro, *assentadores* e Manuel Pereira da Silva, *auxiliar permanente*.

Distrito n.º 285 — Garcia Marciano, *Chefe*, Balbino Martins, *Sub-chefe*, José Gabriel, Joaquim Ventura Coelho, Manuel Francisco de Sousa e Luís Chumbinho, *assentadores* e Joaquim Gregório, *auxiliar permanente*.

Distrito n.º 286 — António de Brito, *Chefe*, Joaquim Azevedo Martins, *Sub-chefe*, Custódio R. Larguinho, Ricardo J. Vairinhos, Francisco do Serro e José Larguinho, *assentadores* e Joaquim Mariano, *auxiliar permanente*.

Distrito n.º 287 — Vicente de Oliveira Coruche, *Chefe*, Joaquim J. Arrebenta, *Sub-chefe*, Manuel Rodrigues Pinto, Jacinto de Sousa Ruas e Francisco Marcelino, *assentadores* e Manuel José Fava, *auxiliar permanente*.

Distrito n.º 288 — Manuel dos Santos Soares, *Sub-chefe*, Francisco F. Fantazia, José Gonçalves, João Matias e José Martins Raiado, *assentadores*.

Quando no dia 27 de Junho findo, o Snr. José Carvalho, Limpador suplementar na Revisão de Material Circulante, procedia à limpeza de umas carruagens, na estação de Coimbra, encontrou uma argola de ouro, avariada, que devia ter pertencido a uns brincos e um pequeno pião de marfim com bico e argola de ouro.

Destes objectos fez entrega imediata ao Chefe da estação.

O suplementar Snr. Manuel Carlos de Carvalho encontrou, no dia 18 de Agosto passado, na plataforma da estação da Régua uma carteira contendo uma elevada importância em dinheiro e variados documentos de valor, tendo feito entrega imediata do achado ao Chefe daquela estação.

Por este acto de honestidade foi o Snr. Manuel de Carvalho elogiado.

No passado dia 2 de Setembro à aproximação do combóio 51 do apeadeiro de Moscavide, notou o Snr. Alvaro Jacques dos Santos, empregado de 2.ª cl. do Serviço de Estudos da Divisão de V. e Obras, que uma mulher tentava suicidar-se.

O Snr. Santos correu imediatamente para junto dela e puxando-a com toda a força tentou retirar-la de sobre a linha não o conseguindo por estar segura com uma das mãos ao carril. Teve então a lembrança de lhe pisar aquela mão conseguindo assim tira-la e arrasta-la conjuntamente para a valeta onde caíram ambos, mas livres de perigo.

Pelo seu acto humanitário e pela coragem que manifestou, foi este agente louvado pela Direcção Geral.

Nomeações

Mês de Agosto

MATERIAL E TRACÇÃO

Empregado de 3.ª classe: Luiz Duarte Carvalho Moreira.

SERVIÇO DE SAÚDE E HIGIENE

Médico da 39.ª Secção: Dr. Adélio Emílio da Cunha Vale.

Servente: António de Souza Braga.

Reformados

Mês de Agosto

EXPLORAÇÃO

Laurentino Augusto de Serra e Moura, Empregado de 1.ª classe do Serviço de Fiscalização e Estatística.

José Francisco Lopes, Chefe de 3.ª classe de Entroncamento.

Alberto dos Anjos da Costa Malagueta, Factor de 1.ª classe da Amadora.

António Pinto Bragança, Agulheiro de 2.ª classe de Campanhã.

MATERIAL E TRACÇÃO

Joaquim José Dias, Maquinista de 2.ª classe.

António de Matos Júnior, Maquinista de 2.ª classe.

Ivo dos Santos, Maquinista de Máquinas Fixas.

Francisco da Costa, Chefe de brigada contratado.

SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Dr. Artur de Brito Penedo, médico da 62.ª Secção.

Falecimentos

Mês de Agosto

EXPLORAÇÃO

† *José Girão Ramallete*, Factor de 2.^a classe de Coimbra-B.

Admitido como Praticante em 1 de Julho de 1921, foi nomeado Factor de 3.^a classe em 1 de Abril de 1922 e promovido a Factor de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1927.

† *José Dias*, Factor de 3.^a classe em Campanhã.

Admitido como Praticante em 31 de Maio de 1925, foi nomeado Aspirante em 1 de Julho de 1929 e Factor de 3.^a classe em 1 de Janeiro de 1931.

† *António Rolim Júnior*, Guarda freio de 3.^a classe de Alfarelos.

Nomeado Carregador em 21 de Outubro de 1923 e Guarda-freio de 3.^a classe em 1 de Janeiro de 1933.

† *Maria Antónia Martins*, Guarda de P. N. de Barreiro.

Admitida como Guarda barreira em 24 de Janeiro de 1914, foi nomeada Guarda de P. N. em 11 de Maio de 1927.

† *José Mendes*, Carregador de Santarém.
Admitido como Carregador suplementar em

2 de Abril de 1925, foi nomeado Carregador efectivo em 21 de Novembro de 1928.

† *Joaquim Vieira*, Carregador de Campanhã
Admitido como Carregador eventual em 4 de Dezembro de 1917, foi nomeado Carregador efectivo em 1 de Julho de 1927.

VIA E OBRAS

† *João Silvestre*, Assentador do distrito n.º 272.

Admitido como Assentador de 2.^a classe em 26 de Abril de 1918.

MATERIAL E TRACÇÃO

† *João Marques Estaca*, Revisor de material de 3.^a classe.

Admitido em 11 de Junho de 1917 como Ajudante de pintor auxiliar, nomeado Ajudante de revisor de material em 22 de Dezembro de 1925 e promovido a Revisor de material de 3.^a classe em 1 de Junho de 1928.

SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

† *Dr. Manuel Augusto Sá e Azerêdo*, médico da 11.^a Secção, que residia em Espinho.

† *Dr. António José Duro*, médico da 39.^a Secção que, residia em Cerveira.



† José Girão Ramallete
Factor de 2.^a classe



† Maria Antónia Martins
Guarda de P. N.



† José Dias
Factor de 3.^a classe



† António Rolim Júnior
Guarda-freio de 3.^a classe

10—Para a *bandeira rial* ha grande *inspiroção* de que seja feita de *tecido antigo*, para maior valor—2-2.

Sardanápalo

11 — Foi grande a ousadia dizeres à sentinela que aceitasse a gorgeta — 2-2.

Vasconcelos

12 — «Nota» como num pau fixado verticalmente no chão se equilibra a casa para depósito ou guarda de móveis — 1-3.

Theseu

13 — É tão negro o coração desta «mulher» que me não admiro que a sua morte cause estrondo — 2-2.

Fan-Fan

14 — O filete do friso foi feito sem descanso — 2-2.

Cagliostro

Duplas

15 — Toda a *contrariedade* me causa *aborrecimento* — 3.

Relação

16 — Com uma vareta de guarda-sol, fiz um pequeno escudo que cobri com coiro delgado para forros — 3.

Theseu

17 - O «primeiro ministro das sinagogas judaicas» é o intérprete das leis entre os judeus - 6.

Labina

18 — Pelo motivo que expões nas deves perder esta boa
ocasião — 2.

Boldão

Sincopadas

19 — 3 — Morreu na *profundidade* o teu patrão — 2.

Roldão

20 — 3—Sofres do *miolo* desde que tiveste *caquexia* — 2.

Mefistófeles

21 -- 3-Com uma mecha de fios enforquei um «homem»
— 2.

Sardanápalo

22 — 3-É bom para comer, êste bocado de gavinha de videira — 2.

Vasconcelos

23 — 3-Em farmácia, é preciso *identificar* primeiro os elementos para depois poder *temperar os medicamentos* — 2.

Sancho Panca

Transpostas

24 — O desconfiado, por uma *bagatela*, todo se irrita — 2.

Costasilva

25 — Na verdade vos digo: todo o «homem» deve ser correcto — 2.

Novata

Tabela de preços dos Armazéns de Víveres, durante o mês de Outubro de 1936

Gêneros	Preços	Gêneros	Preços	Gêneros	Preços
Arroz Nacional.. kg.	2\$70 e	Far. ^a de milho..... kg.	1\$10	Queijo flamengo ...	22\$50 e
" Valenciano kg.	2\$80	Farinha de trigo	" 2\$15	Sabão amêndoa kg.	3\$1500
Assucar de 1. ^a Hornung "	4\$35	Farinheiras	" 6\$50	" Offenbach..... "	2\$20
" " 1. ^a manual. "	4\$15	Feijão amarelo lit.	1\$60	Sal... lit.	\$16
" " 2. ^a Hornung "	4\$10	" branco 1\$60 e	1\$70	Sêmea..... kg.	\$55
" " 2. ^a manual. "	3\$90	" frade..... 1\$50 e	1\$25	Toucinho "	5\$90
" pilé "	4\$25	" manteiga..... lit.	1\$80	Vinagre lit.	\$75 e
Azeite de 1. ^a lit	7\$00	Grão "	1\$40	Vinho branco-Em Campanhã. lit.	1\$15
" " 2. ^a "	6\$40	Lenha..... kg.	\$20	" " -Restl. Armazens "	1\$00
Bacalhau inglês kg. 3\$90, 4\$05 e	5\$00	Manteiga "	17\$00	" tinto-Em Gaia..... "	1\$15
" sueco 4\$25, 4\$40 e	4\$60	Massas "	3\$40	" " -Em Campachã ... "	1\$15
" Islandia kg	4\$00	Milho lit	\$80	" " -Restant. Armazens "	1\$00
Banha..... "	6\$40	Ovos duz.	variável		
Batatas..... "	variável	Presunto..... kg.	10\$00		
Carvão sóbro kg. \$50, \$55 e	\$60	Petróleo-Em Lisboa ... lit	1\$15		
Cebolas..... kg.	variável	" rest. Armazens "	1\$20		
Chouriço de carne "	13\$00	Queijo do Alentejo..... kg.	14\$00		

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Os preços de arroz, azeite, carnes, farinha de trigo, feijão, petróleo, vinagre e vinho no Armazem do Barreiro são acrescidos do imposto camarário.

Além dos géneros acima citados, os Armazens de Viveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres e mais, tecidos de algodão, atalhados, malhas, fazendas para fatos, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

O **Boletim da C. P.** tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números dêste Boletim não se vendem avulsos.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim, deverão contribuir com a importância anual de 12\$00 a descontar mensalmente, receita que constituirá um **Fundo** destinado a prêmios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos por via hierárquica à Secretaria da Direcção (**Boletim da C. P.**).